o ciclo de tempo infinito

henrique cruz

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Dedico este livro a todos aqueles que acreditam no poder da imaginação e na magia das histórias.

À minha família e amigos, pelo apoio incondicional e inspiração contínua.

E, especialmente, a si, querido leitor, por permitir que esta história faça parte da sua jornada.

Com gratidão,
Henrique Cruz

AGRADECIMENTOS

Este livro passou por um árduo e longo processo até chegar às suas mãos. Primeiramente, ele nasceu de uma extensa pesquisa sobre física e os seus princípios. Pois, sem ler e obter conhecimento, como poderíamos proporcionar a construção de novas ideias?

Esta obra foi escrita numa época de pandemia, em que, após cada dia de trabalho como profissional de saúde, eu chegava a casa para escrever e pesquisar ainda mais sobre o assunto.

Assim, após esta longa jornada, gostava de agradecer à minha primeira leitora, a minha mãe. Ela foi a pessoa a quem entreguei o livro ainda repleto de erros e num estado tão inicial, mas que, mesmo assim, me deu um apoio incondicional.

Agradeço também ao meu círculo de pessoas mais próximas, Ruben Moreira, Eduardo Freitas, Ana Santos, Diego Galego e muitos outros que surgiram no meu caminho ao longo desta jornada. O vosso apoio e carinho foram muito especiais para mim.

Também tenho de dar um enorme agradecimento ao grupo da Saída de Emergência, não só por terem aceitado esta obra e a terem tornado numa realidade, mas também pela excelência do trabalho que realizam a cada dia connosco, autores.

Gostaria também de agradecer à Universidade de Aveiro por me proporcionar o material necessário para as minhas pesquisas, inspirando-me a procurar novas e diferentes ideias sobre os vários tipos de poderes com que nos deparamos ao longo da narrativa.

E, finalmente, a si, querido leitor. Obrigado por escolher *O Ciclo de Tempo Infinito* e por embarcar nesta aventura comigo. A sua leitura e apoio são a razão pela qual este livro existe.

Com imensa gratidão,
Henrique Cruz

I

PROJETO SIGMA

Num corredor branco, frio e iluminado por fracas luzes incorporadas no teto, ecoavam os passos apressados de um jovem de estatura alta, com cabelo curto e escuro, rosto angular e óculos grandes. Carregava uma quantidade excessiva de pastas recheadas com diversos documentos, exibindo uma face mais pálida que a sua bata desapertada. Tinha rumo a um compartimento selado por uma porta de aço espessa e de grandes proporções.

Ao introduzir um código num pequeno painel e verificar a sua impressão digital, a porta abriu-se na horizontal e, do outro lado, ouvia-se uma voz enraivecida.

— Sempre atrasado, Banner! — resmungou um homem tão alto e barrigudo que até os botões da sua bata quase chegavam a sair disparados pela força exercida. Tinha os seus olhos enraivecidos e a cara avermelhada, devido à sua baixa tolerância com os sucessivos atrasos do seu funcionário. — Sabes bem que estamos numa etapa crucial da nossa investigação e mesmo assim nunca chegas a tempo!

— Peço desculpa, Dr. Sebastian — disse Banner, com o suor a escorrer-lhe pela testa, marcado não só pela correria que outrora fizera, mas também pelo medo que o seu superior lhe incutia.

— Vou ligar os equipamentos, Doutor — afirmou Banner num tom de voz inquieto e baixo.

Notando o nervosismo do seu funcionário, Sebastian suspirou alto e fixou o olhar nele enquanto coçava o seu bigode.

— Não te despeço neste momento porque valorizo muito os objetivos que tenho alcançado contigo — afirmou ele.

Sebastian virou-se para o seu computador e começou a escrever rapidamente. Enquanto isso, Banner colocou os documentos no chão e dirigiu-se à caixa elétrica que estava no lado esquerdo da porta. À medida que ia puxando os interruptores, a sala onde se encontrava preenchia-se de luz por secções.

Com a primeira secção iluminada, podia-se notar que a sala tinha um

formato semicircular, com vários níveis que desciam em degraus, idêntico a um anfiteatro. Cada nível era composto por pequenas divisões com uma secretária e um computador.

Quando as luzes atingiram o nível mais baixo, era possível observar que este era formado por uma plataforma grande, parecida com um palco. Nela existiam três grandes compartimentos, preenchidos por várias tubagens e dezenas de fios de cores diferentes que saíam pelas paredes laterais e se ligavam ao chão. A parte frontal, que estava virada para as secretárias, era composta por um vidro opaco que apenas permitia ver para dentro.

Os três compartimentos eram diferentes uns dos outros, sendo que o central parecia uma pequena sala operatória, e os restantes dois eram mais idênticos a pequenas celas.

No fundo da sala havia outra porta idêntica à de onde Banner entrara, apenas com a diferença de que esta era muito maior. No seu topo havia um relógio digital, também de grandes proporções, dispondo as horas, os minutos e os segundos, assim como a data atual.

Uma vez que a sala já se encontrava iluminada, Banner pegou nas pastas e dirigiu-se para a sua secretária, que ficava ao lado de Sebastian. No momento em que pousou os ficheiros e ligou o computador, começou a ouvir um ruído no outro lado da sala. Era um som metálico, causado pela porta do fundo a abrir-se lentamente na horizontal. De lá vieram dois militares, fardados de preto, em que as únicas coisas que mais sobressaltavam eram os ombros, os cotovelos e os joelhos, que tinham uma superfície escura e reflexiva. Traziam também um capacete reflexivo da mesma cor que não permitia identificar o rosto.

Ambos os soldados escoltavam um funcionário de farda branca que cobria todo o corpo à exceção das mãos, calçadas de luvas azuis, e do rosto, coberto por uma máscara de gás, ocultando toda a face.

A pessoa de farda branca limitava-se apenas a empurrar uma mesa operatória com um jovem inconsciente.

Ao notar a abertura da porta, Banner inclinou-se, com um ar intrigado, para o seu superior:

— Dr. Sebastian, é mais um candidato ao experimento?

Sebastian fez um sorriso cínico.

— Não, Banner! Este foi apanhado na rua, pelo menos é o que consta no relatório do Chefe de Patrulha. Ao que aparenta, este criou… Não interessa! Lê o relatório, não tenho paciência ou tempo para falar disto! — resmungou e entregou-lhe uma pasta vermelha com um gesto idêntico ao de quem atira migalhas de pão a um pássaro.

O jovem, pronto para abrir a pasta e absorver todo o conhecimento possível no mais curto espaço de tempo, foi interrompido por um aviso do Dr. Sebastian:

— Desta vez não questiones os meus métodos, ou seja, em palavras simples, não interrompas as ordens que te derem com questões que podem ficar para depois. O que vamos fazer hoje é muito importante para concluir o projeto!

Com o que acabara de ouvir, Banner olhou para Sebastian e acenou com a cabeça num gesto afirmativo. Ao mesmo tempo, a porta do compartimento central abriu-se e o funcionário entrou, arrastando a mesa cirúrgica.

— Enfermeira! — chamou Sebastian.

A pessoa que empurrava a mesa operatória saiu do compartimento enquanto a porta estava aberta e respondeu a Sebastian:

— De que precisa, Doutor?

— Porque é que está equipada com esse fato? — questionou Sebastian com desconfiança.

— Tenho ordens para que depois deste procedimento me dirija com brevidade à secção de estudos de patologias contaminantes e, para rentabilizar tempo, acabei por me fardar antecipadamente — respondeu a enfermeira.

Sebastian ficou apreensivo, no entanto, como estava pressionado para iniciar o experimento, ignorou aquele pormenor.

— Meus senhores, estão dispensados! Quanto a si, enfermeira, pode continuar com as preparações — ordenou enquanto olhava para os soldados, que, ao escutar o seu comando, se dirigiram coordenadamente para a grande porta com o relógio em cima e saíram da sala.

A enfermeira avançou para dentro do compartimento central e começou a ligar vários fios elétricos ao jovem para que uma grande quantidade de máquinas pudesse obter os seus sinais vitais. Depois disso começou a preparar medicação em seringas e sacos de soro fisiológico.

— Doutor Sebastian, é este o rapaz com a peculiaridade que procurávamos? — questionou Banner enquanto lia os documentos.

Sebastian virou-se para o jovem e disse com um tom pomposo:

— Evidentemente, Banner! Este será o sujeito que vai mudar todo o conhecimento que temos sobre a mundo da física, da história e até mesmo do universo que nos rodeia.

Ainda desconfiado da enfermeira, Sebastian clicou num dos botões na sua secretária e criou-se um som de estática dentro do compartimento central:

— Enfermeira, estamos prontos para iniciar o experimento?

Ela virou-se para o vidro e fez um gesto com os dedos a indicar que em cinco minutos teria tudo pronto.

Quando Sebastian desligou o interlocutor, abriu-se a porta de entrada. Do outro lado estava uma jovem de cabelos louros e longos, olhos verdes e uns lábios carnudos, com um brinco prateado e cintilante na orelha direita e uns óculos a pousar sobre o cabelo.

Dando dois passos para entrar na sala, a jovem focou a visão no compartimento central e, calculando quem estava lá dentro, dirigiu-se a Sebastian numa grande histeria:

— É mesmo verdade?! Conseguimos apanhá-lo? Tenho de ver tudo! — e, sem esperar pela resposta de Sebastian, começou a correr pelos degraus a uma grande velocidade. Com toda aquela euforia, ao chegar perto do cubículo, fixou a cara ao vidro com tanta força que o impulso e sons criados causaram um susto na enfermeira que estava lá dentro.

— Dr. Sebastian! — gritou a jovem em euforia. — É mesmo este o dia em que finalmente conseguiremos viajar no tempo? É mesmo hoje que vamos fazer um dos maiores marcos da história da humanidade? Eu quero ler o relatório! Há tantas variáveis! Mal consigo respirar de tanta emoção! Quero saber tudo sobre este indivíduo!

Dra. Alexia, acalme-se! — disse Sebastian num tom áspero.

Mal este acabara de falar, entrou novamente outro cientista. Era um homem baixo, de cabelo escuro, mas com algumas entradas já de cor cinza.

— *Bonsoir*, Dr. Sebastian! — cumprimentou numa voz calma e carregada de sotaque. — Vejo que a menina Alexia veio cheia de energia. Ao que se deve tanta euforia?

Sebastian puxou a pasta e os conteúdos que Banner estava a ler, juntou mais uns documentos da sua secretária e estendeu o braço para o cientista.

— Está aqui toda a informação que precisas de saber!

O cientista pegou no arquivo e olhou para Banner. Notou que o jovem estava bastante descontente com a atitude do seu superior em lhe tirar aquele pedaço de informação preciosa que o estava a aliciar na sua busca insaciável por conhecimento. Sabendo ele que o jovem tinha um bom potencial e um desempenho exemplar desde que lá chegou, e que, ao mesmo tempo, ele próprio desprezava a atitude do Sebastian para com ele e a restante equipa, o cientista disse amavelmente:

— Sr. Banner…

— Sim, Dr. Bruillard? — respondeu o jovem descontente.

— Podes ler, já estavas a meio, por isso não me importo de aguardar — disse Bruillard, que devolveu a pasta.

Quando Sebastian ouviu tal discurso, ficou com a cara vermelha de raiva e virou-se novamente para o computador sob forma de não começar a discutir.

Os olhos de Banner ganharam um brilho de alegria enquanto pegava na pasta.

— Obrigado, Dr. Bruillard!

— *De rien*! — respondeu Bruillard enquanto voltava para a sua secretária.

Alexia, ainda focada no jovem acamado, reparou que a enfermeira parecia estar a falar enquanto preparava os fármacos, mas não conseguiu ter a certeza, por causa da máscara que lhe cobria o rosto. O seu entusiasmo era tanto, que ignorou aquela situação e, nuns passos apressados, regressou ao mesmo nível em que estavam todas as outras pessoas, sentando-se na sua divisória em silêncio. Ligou o seu computador enquanto parecia roer uma das suas unhas de gel vermelhas.

— Dr. Sebastian, não entendo uma coisa, este jovem não corresponde à lista de candidatos compatíveis para o experimento, no entanto consta aqui no relatório que é 100% compatível para executarmos o projeto Sigma… — afirmou Banner. Parou a leitura e olhou para Sebastian com uma expressão curiosa. — Não acha isto estranho?

— Meu rapaz, estes papeis vieram diretamente dos nossos superiores! — respondeu Sebastian num tom agressivo, derivado do rancor guardado da situação anterior com Bruillard. — Não te deves estar a questionar tanto sobre isso, mas sim estar atento ao que realmente interessa.

— Mas, Dr. Sebastian, um jovem 100% compatível? — questionou Banner.

— As probabilidades são baixas, mas existem… — respondeu Sebastian, mexendo uma das mãos freneticamente.

— Acha mesmo que tal é possível sem haver informação sobre os testes que realizaram? — questionou mais uma vez Banner, tentando desmistificar o problema que tinha à sua frente.

— Certamente alguém lhe fez os testes, não te preocupes com isso.

— Mas, Doutor, isso não consta no relatório! — argumentou Banner.

— Banner, pode ter sido um erro, mas vários testes tiveram de ser feitos, senão nunca iriam saber que….

— Ainda tenho outra questão! — interrompeu Banner. — O Doutor falou-me ainda há um bocado que o jovem foi encontrado na rua, mas não me falou dos pormenores. Em vez disso pediu-me apenas que lesse o relatório. E aqui não refere nada disso! — dizia ele enquanto batia com o dorso da mão na pasta.

— Ouve, Banner, se voltas a chatear-me com esse tipo de coisas

desinteressantes, eu tiro-te essa pasta e não te deixo envolver mais neste projeto! — ameaçou Sebastian, com o rosto a suar e uma expressão que já estava mais apavorada do que irritada. Agarrou com força no ombro de Banner e olhou-o nos olhos. — Tu não sabes o que está aqui em jogo, por isso faz simplesmente o que te digo!

Banner nunca o tinha visto com tais emoções desde que entrou naquele projeto. A atitude de Sebastian fez com que cessasse as suas questões. Acenou com a cabeça sob forma de disfarçar a estupefação momentânea e tentou-se focar novamente na leitura.

Sebastian tocou novamente no interruptor e perguntou à enfermeira:

— Já está tudo pronto?

Ela afirmou num gesto positivo com o polegar em direção ao vidro do compartimento.

— Então pode sair da sala, que vai entrar a equipa cirúrgica — ordenou Sebastian.

A enfermeira tocou num botão que emitiu um ruído e, passados três segundos, a porta do compartimento abriu-se. Estava pronta para sair rapidamente daquela sala, no entanto foi detida por Sebastian, que perguntou em voz alta:

— Onde vai, enfermeira?

A enfermeira, movendo-se já em passos largos, ficou estática e virou-se lentamente para trás.

— Vou… Eu vou…

— Não vai a lado nenhum, sente-se nessa secretária aí e termine o seu trabalho! — afirmou Sebastian num tom autoritário.

— Eu já administrei a medicação e fiz a preparação para o procedimento cirúrgico — respondeu ela.

— Pois, Sra. Enfermeira, mas alguém terá de prestar auxílio externo à equipa cirúrgica e escrever o relatório, não estou certo?

— Sim, Dr. Sebastian — respondeu com desconforto.

— Você hoje está muito estranha, fique lá na fila da frente para assistir à operação e, caso seja necessário, ajudar os seus colegas — indicou Sebastian.

A enfermeira, ao ouvir esta ordem, sentou-se num banco posicionado perto das escadas, que permitia olhar diretamente para dentro do compartimento.

— Bruillard, onde está a pasta? — questionou Alexia enquanto olhava para uns gráficos no seu computador.

— É o Banner que a tem— disse Bruillard com um sorriso na cara.

Ao ouvir o que Bruillard acabara de dizer, Alexia percebeu que tudo foi

uma tentativa para irritar Sebastian e perdeu o interesse na pasta. Aproveitou o momento e olhou seriamente para Bruillard. — Achas que o miúdo nos poderá dar o que tanto queríamos? É que parece surreal que as respostas para o universo possam estar contidas nele.

— Não sei, depende do que a equipa médica obtiver com o procedimento — comentou Bruillard.

A porta com o relógio digital abriu-se novamente e entrou a equipa cirúrgica, constituída por um cirurgião e dois enfermeiros. No caminho, o cirurgião trocou um olhar com Sebastian e acenou com a cabeça. O cientista retribuiu com o mesmo gesto.

Assim que a equipa cirúrgica chegou ao compartimento central, começaram a observar os aparelhos que monitorizavam o jovem, assim como a medicação preparada.

— Vamos dar início ao experimento? — questionou Sebastian à equipa recém-chegada.

O cirurgião fez sinal para aguardar e notou-se que todos os elementos da equipa olhavam para o vidro e falavam entre eles. Começou a surgir uma grande discussão e o médico fez um gesto a um dos enfermeiros, que lhe passou um bisturi. O outro enfermeiro monitorizava os sinais vitais do jovem nos diversos aparelhos do compartimento.

Quando o cirurgião avançou para iniciar a operação, o jovem acamado pegou bruscamente no braço dele e deu-lhe um murro. Com o impacto, ele caiu para trás e bateu contra uma pequena mesa de apoio cirúrgico. O resto da equipa dividiu-se e, enquanto um dos enfermeiros ajudava o cirurgião, o outro tentava imobilizar o jovem.

Sebastian saltou da cadeira e começou a berrar.

— Não! Outra vez, não! — De seguida, olhou a para a equipa que estava na sala e gritou: — Saiam todos, vou acionar os mecanismos de emergência!

Os lugares começaram a ser desocupados e todos começaram a sair. A enfermeira levantou-se da cadeira, mas o Dr. Sebastian apontou-lhe o dedo

— Tu ficas aí! — ordenou com um rancor enorme.

Quando a equipa abandonou a sala, Sebastian carregou num botão listrado em cores amarela e preta. Ecoou um alarme e a sala ficou iluminada de laranja por lâmpadas giratórias.

— Porque é que não lhe deste mais anestésico?! — inquiriu Sebastian à enfermeira.

— Vocês nunca vão conseguir o que querem! — retorquiu a enfermeira num tom irónico.

Sebastian, apercebendo-se de tudo e ligando vários pontos, ficou pálido e disse:

— Não acredito que houve mais uma variável a mudar tudo! Nunca vamos sair deste ciclo horrendo! Espero que estejas a ver isto! — disse enquanto desviava o olhar para uma câmara de vigilância num canto da sala.

Frustrado com a situação, Sebastian caminhou em direção à enfermeira, no entanto, a meio do seu percurso, notou que dentro do compartimento o jovem começou a gritar e a desvanecer. Percebendo que já não teria solução para o problema que enfrentava, parou e ficou a olhar para o compartimento por um bocado, acabando por se sentar nas escadas. Os olhos e a expressão dele mudaram totalmente. Percebeu que perdeu tudo e que não adiantava mais raiva, rancor ou qualquer esforço. Sorriu, olhou para a câmara da sala mais uma vez e disse com tranquilidade:

— Talvez da próxima consigamos.

Um clarão de luz começou-se a espalhar de dentro do compartimento para a sala, e o tempo parou. De seguida, o relógio digital da porta grande recuou no tempo, assim como todos os eventos que se sucederam naquele espaço, desde os momentos atuais, apenas com os elementos da equipa do Sebastian, assim como outros em que estavam outras pessoas e experimentos a decorrer naquele espaço. A velocidade do tempo a recuar aumentava constantemente, até que, passados alguns instantes, começou a abrandar. Quando se estabilizou e retornou à sua normalidade, a data apontada no relógio digital marcava o dia vinte e um de novembro de 2015.

II

UM NOVO CICLO

Um alarme de telemóvel soou às nove horas da manhã pela quinta vez consecutiva e um jovem, deitado no calor acolhedor da sua cama, sem vontade de enfrentar mais um dia da sua vida, decidiu adiá-lo novamente. Manteve-se deitado, mas já sem os lençóis a cobri-lo. Era uma pequena tentativa de se forçar a sair daquele conforto. Olhou para o teto e pensou na sua vida. "Cá vou eu a mais um dia, não sei se aguento mais isto ou se realmente adianta estar nesta luta constante…", especulou ele por um

bocado. "Como é que fui parar ao laboratório? Quem são eles e o que é que querem de mim?". Suspirou. "No dia vinte e um de dezembro, é o dia em que serei raptado e arrastado para aquele laboratório, não me posso esquecer!"

Acabando por abandonar os pensamentos, saiu da cama e dirigiu-se à janela do seu quarto. Elevou as persianas num instante e os olhos do jovem começaram-se a adaptar à luz que ia penetrando na divisão.

A divisão iluminada era pequena, constituída por uma cama de solteiro num canto, em que a parte final tinha um pequeno espaço e logo de seguida um armário de madeira clara, que acabava por condizer com as diferentes tonalidades de toda a mobília daquele quarto. Seguido do armário estava uma estante grande de várias divisórias quadradas em que a parte superior tinha livros, cadernos, adornos, toalhas, assim como objetos de higiene pessoal do jovem. Algumas delas, na parte mais central, estavam vazias, e as do final tinham calçado. Do outro lado da divisão, a meio do quarto, havia uma cadeira de escritório próxima de uma secretária, com um computador portátil e livros a pousar sobre ela, assim como um pequeno candeeiro.

O jovem olhou lá para fora, observava a rua em que vivia, rodeada de árvores já praticamente despidas de folhas em prol da estação que encaravam.

Abriu a janela e, ao sentir a brisa da manhã, a mente dele refrescou por um breve momento. Dali foi ao armário buscar a sua roupa. Escolheu vestir uma camisola vermelha com umas calças escuras. Aproveitou para ver como ficava no espelho do armário e no seu reflexo via-se um jovem com cerca de vinte e três anos de idade, magro, de olhos castanhos-escuros, cabelo ondulado de cor caramelo, com a barba por fazer desde há dois dias. Os olhos transmitiam um cansaço que não era material, mas sim de espírito.

Enquanto atava os atacadores dos seus ténis, pensou, "hoje é dia vinte e um de novembro…", retirou um pequeno caderno de cor cinza que servia de agenda pessoal e começou a verificar as anotações, "… ora, se bem me recordo deste dia… vou para a universidade, tenho a aula de Física, que não posso perder, depois disso vou à consulta do psiquiatra e de seguida passo pelo laboratório do Chad."

Antes de sair do quarto, pegou na mochila e marcou o presente dia num calendário fixado na porta, assim como o dia vinte e um de dezembro com um círculo. Saiu do quarto, desceu as escadas, foi à cozinha e pegou numa maçã vermelha para comer no caminho.

Ao seguir pela rua, olhou para o céu. "Será que o que se passou repetir-se-á novamente?"

Deu uma trinca na sua maçã. "Porque é que isto tinha de acontecer a mim, não há nenhuma razão para sofrer com estes…"

Os pensamentos foram interrompidos pelos gritos de uma pessoa.

— William! Espera, William! — gritava uma rapariga da mesma idade, que corria em direção a ele. Era uma jovem de origens africanas, mais baixa que ele, de olhos escuros como duas azeitonas, cabelos longos cacheados e brilhantes. Vestia uma camisa branca e uma minissaia de couro, tinha um conjunto de pulseiras prateadas no braço esquerdo e um relógio no braço direito. Trazia consigo uma pasta de cabedal escura.

William olhou para trás e pensou com um ar aborrecido: "Outra vez o mesmo acontecimento… Até me tinha esquecido."

Quando a jovem chegou ao pé de William, já sem fôlego, fez um grande sorriso e deu uma pancada nas costas dele.

— Estás a ficar surdo ou então gostas de me ignorar! — afirmou com uma energia radiante. — Toca a acordar! Bom dia! — cumprimentou alegremente na tentativa de animar o seu amigo.

William soltou um sorriso discreto, mas inconsciente.

— Kayla, sabes sempre como acordar cheia de energia! — respondeu ele já um bocado mais animado.

— Não vale a pena estar a deprimir com um dia tão bonito como este — retorquiu ela enquanto apreciava os detalhes do ambiente em redor.

— Sabes que aula vamos ter? — perguntou William, antes de dar uma nova mordidela na maçã.

— Sim, Física, com o nosso querido professor! — gozou Kayla.

— Pois prepara-te, que ele já nos vai condenar por chegarmos atrasados — previu William.

— Ele gosta de mim, sou das melhores alunas dele! — disse Kayla com um tom irónico enquanto afastava os seus cabelos com um gesto exagerado.

William ia-se engasgando, pois sabia que, se havia coisa que a Kayla mais detestava, esta seria a aula de Física com o professor Lambert. Soltou uma gargalhada.

— Kayla, sabes bem como animar os meus dias! — dizia William enquanto se ria.

Kayla gostava muito de estar com William, mas, como sabia que ele era uma pessoa mais solitária, por vezes receava tornar-se muito apegada.

— William, queres ir tomar café comigo depois das aulas? — questionou ela com algum nervosismo.

— Adorava, pode ser depois de ir à consulta?

— Claro, assim aproveito, vou à biblioteca e já atualizo alguns dos conteúdos das aulas.

— Qual é o café a que queres ir? — perguntou William com uma expressão curiosa e desconfiada. — Não, espera, já sei! É o Petit Café!

— Vês como sabes? Adoro aquele café com temática francesa, é tão giro! — comentou Kayla com entusiasmo.

— Certo, fica então combinado — anuiu William.

Enquanto os dois jovens falavam, iam passando por várias ruas, umas delas já com mais tráfego e pessoas, enquanto outras estavam praticamente vazias.

Após Kayla e William percorrem parte da cidade, era necessário passar uma ponte pedonal de cor preta e de grandes proporções para se chegar à universidade. Tratava-se de uma estrutura com enormes vigas nos lados e várias cordas de aço que a mantinham estável. Por baixo havia suportes em blocos de cimento colossais que trespassavam o rio. A via central, de coloração preta, era destinada apenas aos peões. As laterais tinham duas pistas de cor vermelho-escura com um tamanho suficiente para passar um carro, porém apenas destinadas à passagem de bicicletas. Estas faixas estavam ainda separadas por um pequeno passeio, cujo propósito era observar o rio.

Estando quase a meio da ponte, Kayla parou por um bocado e foi para a zona de observação.

— Olha, que bonito! — exclamou ela com os olhos a brilhar.

William estava quase a acabar de comer a maçã, porém começou a olhar em redor com curiosidade.

— Não vejo nada — disse ele, ainda a tentar perceber o que a fascinava tanto.

Kayla apontou para o rio, no qual estava uma ave majestosa à procura de peixe.

— A sério, Kayla? — questionou William com insatisfação. — Outra vez a ficar impressionada com uma ave?

— É tão linda a natureza… — comentou Kayla, inspirando tranquilamente, sem tirar o olhar da ave. — Não é magnífica a sorte que temos em viver neste mundo e neste momento?

— Tu já sabes a minha resposta em relação a isso, Kayla — respondeu William de um modo frio.

— Não sejas assim, William! Até contagias com depressão quem fica ao teu lado! Tens de ver que somos seres muito especiais neste universo, fica grato com o facto de até termos a sorte de nos termos conhecido.

— Sabes o que é curioso de explorar? Conceitos sobre o tempo. Por exemplo, conheces as teorias sobre linhas do tempo alternativas? — questionou William enquanto dava a última dentada na maçã.

— Não, não sei, William.

— Olha para esta maçã.

— William, é uma maçã mordida, não estou a entender.

— Imagina dois acontecimentos — prosseguiu William. — Um em que comi esta maçã e outro que não. Temos dois universos diferentes, não é?

— Sim, existem dois universos… Isto tem a ver com o gato de Schrödinger? — perguntou Kayla.

— Não, é a outra conclusão a que quero chegar — explicou William. — Havendo dois universos alternativos só nesta opção, temos duas linhas do tempo, uma em que a maçã foi comida e outra em que não a comi. A partir daqui virão sempre mais ramificações das ações que fizemos nesses dois universos. É uma infinidade de possibilidades… Agora imagina isso aplicado em nós os dois!

— Ah, entendi! É mesmo pouca a probabilidade! A infinidade de decisões e ações que foram feitas até este momento levaram a que, nesta linha do tempo específica, nos possamos ter conhecido!

Fez-se um silêncio e ambos os jovens trocaram um olhar profundo por uns segundos.

— Isso só prova que tenho razão! — disse Kayla com orgulho.

— Sim… tens razão — respondeu William, embaraçado.

Kayla riu-se e virou-se para o rio mais uma vez.

— Que horas são, William? — questionou ela, a pensar se era melhor ir para a aula, ou ficar por ali.

— Estamos com trinta e cinco minutos de atraso — afirmou William. — Relembro-te que o horário desta semana mudou para termos três horas de aula. E ele vomita matéria à velocidade da luz…

Kayla não se lembrava daquela mudança, por isso desmotivou-se por um momento e disse com insatisfação:

— Vamos lá à aula dele.

Seguiram o resto do caminho em silêncio, William distraído no seu telemóvel, Kayla observando a paisagem na tentativa de absorver o máximo de forças positivas para aguentar a extensa aula.

Chegando ao departamento, William guardou o telemóvel e abriu o bolso da mochila, à procura do seu cartão de estudante para passar na banda magnética do leitor de cartões.

— Bip! — ouviu William, que olhou em frente.

— Anda, provavelmente já te esqueceste dele outra vez em casa — disse Kayla num tom de gozo.

William fez um sorriso embaraçado, com o intuito de pedir desculpa, e entrou no departamento junto com Kayla.

III

A AULA

A aula do professor Lambert decorria no seu fluxo normal. Alguns dos estudantes estavam quase a adormecer com a voz monótona do docente. Já outros escreviam intensamente nos seus cadernos com medo de perderem o mínimo detalhe de matéria e de se juntarem aos demais alunos dos anos anteriores que reprovavam constantemente naquela cadeira. Nenhum dos estudantes se atrevia a falar, pois qualquer distúrbio era o suficiente para ser expulso da aula.

A sala era composta pelo palco, onde o professor apresentava os conteúdos da aula, e por conjuntos de mesas de uma ponta à outra da divisão que iam subindo em escada para cima, dando ao docente uma visão perfeita da turma. Do lado esquerdo da sala, havia grandes janelas, que, naquele momento, estavam fechadas para não ofuscar a visibilidade da projeção, e no fundo, uma porta de entrada.

Lambert era um senhor que já tinha o peso da idade no seu corpo, com os cabelos grisalhos e em decadência. Usava óculos garrafão e vestuário que, embora formal, já era antiquado para os tempos atuais. Vestia uma camisa branca com gravata preta e um fato de padrão em xadrez, cujos pequenos quadrados alternavam entre as cores preta e castanha. Na sua mão tinha sempre um apontador que parecia uma antena em metal, usada para indicar detalhes nas várias fórmulas escritas por ele no quadro, assim como nas projeções das apresentações.

Os dois jovens, ao chegarem quarenta e cinco minutos atrasados, fizeram com que o professor Lambert interrompesse o seu discurso e olhasse para os recém-chegados com desdém.

— Em que posso ajudar? — questionou ele, com o propósito de embaraçar Kayla e William.

Todos os estudantes focaram a atenção neles, uns com uma expressão sarcástica, outros com entusiasmo para ver no que daria aquele drama, e ainda outros com um olhar julgador.

Ouviam-se alguns murmúrios pela sala:

— Comeram-se, aposto contigo! —, ou: — Será que ainda não aprenderam que este professor não tolera sequer um minuto de atraso, quanto mais agora três quartos de hora? —, ou ainda: — Preparem-se para a festa, isto vai dar bronca.

William e Kayla, sabendo que não adiantava sequer começar a discutir com Lambert, responderam em sintonia:

— Desculpe o atraso, professor, seria possível ficarmos para assistir ao resto da sua aula?

— Podem! — respondeu Lambert, fazendo um gesto rápido com a mão para se sentarem.

Os dois jovens olharam um para o outro, impressionados com o facto de Lambert não iniciar uma discussão profunda sobre o quão mau é chegar atrasado a um compromisso. Dirigiram-se cuidadosamente para duas mesas livres nos andares de cima sem causar o mínimo ruído.

O professor, ainda insatisfeito com o atraso dos dois estudantes, comentou com ironia, olhando diretamente para Kayla e William no preciso momento em que ambos se sentaram:

— Estamos a falar do confronto entre a relatividade geral e a física quântica, para aqueles que ainda não apanharam o conteúdo.

Kayla preferiu ignorar o que foi dito, no entanto William não gostou da atitude do professor.

— Qual achas que é a página? — sussurrou William para Kayla.

— Página 324, parágrafo 5, caso ainda se sinta perdido! — respondeu Lambert num tom alto.

William cerrou os punhos com raiva, olhou para Kayla e percebeu pelo olhar dela que não valia a pena chatear-se com a situação. Suspirou e acalmou-se.

— Voltando ao assunto — prosseguiu o professor —, a popular equação de Einstein conhecida por relacionar a massa e a energia, que é… William?

— Sim? — respondeu.

— Qual é a equação, William?

— $E = mc^2$. Em que E é energia, m é a massa e c é a velocidade da luz no vácuo, Einstein chegou até mesmo a…

— Só lhe perguntei a fórmula, Sr. William, não era preciso exibir-se tanto! — interrompeu o professor.

A turma riu-se daquele comentário e William corou.

"Se eu te respondesse só a fórmula, reclamavas de eu não ter sido mais específico, se eu digo tudo, começas a gozar…", pensou.

— Detesto este homem — resmungou Kayla muito baixo, como se estive só a pensar para si mesma.

William, sabendo no que aquela aula iria resultar, começou a ignorar completamente o professor e pegou no seu caderno de argolas com capa dura. Enquanto o professor procedia com a matéria, ele não prestava atenção e fazia rabiscos na folha. A voz de Lambert começou a ficar cada vez mais longínqua, até ao ponto em que a deixou de ouvir. Adormeceu.

Kayla deu-lhe com uma ligeira cotovelada, porque o professor parecia ter-se apercebido, e William acordou sobressaltado.

— Querem questionar sobre mais alguma coisa? — perguntou o professor para a turma em geral.

Kayla escreveu no caderno de William para evitar falar e ser apanhada pelo professor: "Já perdeste mais quinze minutos de aula."

William olhou para ela e sorriu, pegou na sua esferográfica e respondeu também por escrito: "Ele realmente é mesmo chato, fala, fala, fala e não diz nada." Depois mostrou o rabisco que fez. Era um desenho mal esboçado do professor a falar e com um aspeto idêntico ao de um dinossauro.

Kayla viu o desenho e quase soltou uma gargalhada, mas focou rapidamente o olhar no quadro e continuou a tentar perceber os conteúdos que o professor ensinava para manter a sua postura na aula. Suspirou de tédio.

William voltou a um estado de sonolência, no entanto, quando Kayla estava prestes a acordá-lo novamente, foi impedida, porque o professor abandonara o palco e subia as escadas com o olhar fixado em William, à medida que explicava o conteúdo da aula.

Lambert, ao chegar perto dos dois jovens, bateu palmas junto à cara de William e começou a ralhar:

— Realmente isto é uma falta de respeito! Primeiro começam por vir quarenta e cinco minutos atrasados, depois não estão atentos!

William estava cada vez mais irritado com o professor, mas preferiu não comentar, para não criar conflito.

Lambert inspirou o ar com força e questionou:

— William, vale mesmo a pena vir às minhas aulas para depois dormir cá?

A raiva do jovem era tanta naquele momento que não se conteve e ripostou em voz baixa:

— A aula é obrigatória.

— O que é que acabou de dizer? — questionou Lambert, escandalizado.

— Eu disse… que a sua aula é só obrigatória! Ninguém gosta de estar aqui a ouvi-lo, porque está sempre a ler e a mandar matéria em quantidades

enormes para decorar, ao invés de realmente se aplicarem alguns desses conhecimentos na prática! Isto são métodos do século passado!

— Se não gosta da minha aula, é favor de sair! — respondeu Lambert num tom monocórdico.

William arrumou o material calmamente na mochila. Kayla e os restantes alunos estavam chocados.

Quando William se levantou, o professor perguntou:

— Onde vai, William?

— Vou ler a matéria para casa, porque entre isso e estar cá, dá tudo ao mesmo — respondeu, ainda com a fúria a toldar os seus pensamentos.

— Veremos como se vai desenrascar no exame — ameaçou Lambert subtilmente.

— Só tenho de ler o livro e decorar — retorquiu William no mesmo tom e saiu da sala.

Kayla ficou abalada com a discussão, porém não teve a coragem de defender o amigo por receio que viesse a ter problemas com a sua avaliação. Já tinham sido várias as histórias relatadas pelos estudantes que não conseguiram fazer a prova final por terem confrontado aquele professor.

Ouviam-se ruídos de fundo na sala:

— Já não passa na cadeira —, ou: — Coitado, mais uma vítima do professor Lambert.

Havia ainda outros estudantes mais velhos que comentavam:

— Ele é louco por desafiar um dos regentes desta cadeira. Está marcado para sempre.

Ao sair da sala, ainda num estado ansioso, William pensou para si mesmo: "O que ele não sabe é que fiz a prova dele imensas vezes… vou ter mais um dezoito ou dezanove, porque já sei que ele não gosta de dar vinte…" Fez um sorriso ardiloso. "Quero ver a tua cara quando tiveres de me dar essa nota no final!"

Já perto da porta de saída do departamento, o jovem refletiu sobre o que fazer: "Uma vez que já saí daquele inferno de aula, pode ser que o Dr. Charles consiga atender-me mais cedo…" Abandonou o edifício e foi em direção à clínica de saúde universitária.